

Felipe Augusto Fernandes Borges

**O SEMINÁRIO DE SANTA FÉ E O
COLÉGIO DE SÃO PAULO, EM GOA**

A COMPANHIA DE JESUS NO ORIENTE PORTUGUÊS (1541-1558)

Appris
editora

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
-------------------------	----

1

SEMINÁRIO DE SANTA FÉ E COLÉGIO DE SÃO PAULO: INSTITUIÇÕES DA EXPANSÃO PORTUGUESA	37
1.1 Portugueses ao mundo: a expansão do século XVI, impulsos e motivações	40
1.2 A Índia na época da chegada dos portugueses	53
1.3 Os portugueses chegam à Índia: Vasco da Gama e Pedro Álvares Cabral	64
1.4 Estado da Índia: estabelecimento, expansão e consolidação	71
1.5 Goa conquistada por Albuquerque: capital do Estado da Índia	78

2

SEMINÁRIO DE SANTA FÉ E COLÉGIO DE SÃO PAULO: INSTITUIÇÕES DO PADROADO REAL PORTUGUÊS	83
2.1 O Padroado Real Português	84
2.2 A Companhia de Jesus em Portugal: fundação e desenvolvimento da ordem ...	90
2.3 Missionários na Índia: o Padroado Português, ordens religiosas e a Companhia de Jesus	103
2.3.1 As primeiras quatro décadas: 1500-1542	103
2.3.2 1542: Chega a Companhia de Jesus	110

3

SEMINÁRIO DE SANTA FÉ: FUNDAÇÃO, DESENVOLVIMENTO E TRANSFERÊNCIA À COMPANHIA DE JESUS (1541-1547)	119
3.1 Cristãos e hindus: da tolerância à perseguição	123
3.2 A Confraria de Conversão à Fé	129
3.2.1 As Confrarias	129
3.2.2 A fundação da Confraria de Conversão à Fé	131
3.2.3 Estatuto da Confraria de Conversão à Fé: do combate ao hinduísmo à formação de um seminário	134
3.3 Seminário de Santa Fé: fundação e funcionamento	142
3.3.1 A Companhia de Jesus assume o Seminário	143
3.3.2 Constituições do Seminário de Santa Fé	161

4

COLÉGIO DE SÃO PAULO, EM GOA: UM COLÉGIO JESUÍTICO NO ORIENTE (1548-1558)	169
4.1 Os colégios e o ensino na Companhia de Jesus	173
4.2 O Colégio de São Paulo a partir de 1548: a administração e o ensino da Companhia de Jesus.....	179
4.2.1 O governo do reitor António Gomes e a expulsão dos nativos do Colégio de São Paulo	187
4.3 O Colégio de São Paulo após António Gomes: Micer Paulo, Gaspar Barzeo e o Regulamento do Colégio.....	204
4.3.1 O Regulamento do Colégio de São Paulo.....	209
4.4 Governo e morte de Gaspar Barzeo, morte de Xavier e vazio de comando: vicissitudes até o governo de António Quadros	215
4.5 Reitor António Quadros, reitor Francisco Rodrigues e a ordenação de André Vaz.....	233

5

CONSIDERAÇÕES FINAIS	245
FONTES	263
REFERÊNCIAS	265
ÍNDICE REMISSIVO	271

PREFÁCIO

Antes de mais nada, é uma honra e um privilégio ter sido convidado pelo autor para ser aquele a *dizer antes (praefacio)* sobre este livro. É uma honra pelo fato de ter acompanhado a trajetória acadêmica do Felipe desde suas primeiras pesquisas, em nível de iniciação científica, até o seu doutoramento. É um privilégio porque, ao longo de vários anos, partilhei de sua amizade e sei que várias outras pessoas poderiam ter sido convidadas para abrir seu livro.

O livro *O Seminário de Santa Fé e o Colégio de São Paulo, em Goa: a Companhia de Jesus no Oriente português (1541-1558)* traz resultados, num sentido estrito, da pesquisa de doutorado de Felipe Borges, mas, em um sentido mais largo, este texto que o leitor tem em mãos é fruto de estudos que se iniciaram em 2009, com o primeiro projeto de iniciação científica na Universidade Estadual de Maringá. Após a primeira pesquisa veio uma segunda, de iniciação científica, ainda na graduação, depois o TCC, e ainda a dissertação de mestrado. Ou seja, o doutorado coroou uma caminhada de estudos e pesquisas sobre uma temática a que Felipe dedicou-se com muita disciplina, afincos, curiosidade e, especialmente, com muito trabalho.

Os padres da Companhia de Jesus, ordem religiosa criada em 1534 por iniciativa de Inácio de Loyola, e oficializada em 1540 pelo papa Paulo III, constituíram-se em um dos pilares da construção da chamada Modernidade, especialmente nos territórios do Império Português. Ao chegarem, ainda em 1540, a Lisboa, a convite do rei D. João III, os padres Francisco Xavier e Simão Rodrigues iniciaram uma relação com a Coroa Portuguesa que durou, sem muitas arestas, até a época pombalina, ou seja, mais de 200 anos. Entre as várias “frentes” da atuação daqueles padres, a que é tratada aqui se refere à sua presença no chamado Estado da Índia. Aliás, foi exatamente com tal propósito que o rei lusitano convidou aqueles “padres reformados” para serem missionários. No entanto, Xavier e Rodrigues chamaram tanta atenção da corte que D. João não mais queria que eles fossem para o Oriente e, depois de uma negociação, mediada por Loyola, por meio de cartas, decidiu-se que Simão ficaria no reino, organizando a Companhia de Jesus, e Francisco iria para Goa, onde iniciaria a presença jesuítica no Oriente.

É preciso evidenciar que os padres da Companhia de Jesus foram chamados pelo rei por se caracterizarem como um grupo religioso que

pensava a sua atuação, e de toda a Igreja de Roma, de acordo com os “ventos” da necessidade da reforma católica, necessidade esta que foi potencializada por Lutero e seus seguidores, o chamado Movimento Protestante, mas que já vinha sendo demandada internamente desde o século anterior. As regras apresentadas por Loyola e aprovadas por todos os fundadores da jovem ordem religiosa expressam, de forma clara, atitudes menos imiscuídas com as questões chamadas temporais. A venalidade, o nicolaísmo, a simonia, entre outros, são condenados, e isso fez com que a *Societas Iesu* fosse vista como alternativa mais eficiente para os territórios portugueses d’além mar. O rei tinha uma dupla tarefa: aumentar a riqueza do reino e aumentar o rebanho da Igreja. Portanto, onde ia a espada, também deveria ir a cruz.

A lógica do Padroado determinava que cabia ao rei, nos reinos afinados com o papado, a proteção e a expansão da Igreja, mediante o uso das rendas das chamadas igrejas particulares. Naquele momento, Portugal, como aliado de Roma, também fazia coro aos descontentes com a atuação do clero e, assim, os padres jesuítas “se encaixaram” muito bem nas necessidades da Coroa. As denúncias do “mau cristianismo” de padres, especialmente nos lugares fora de Portugal, eram muitas, o que demandava mudanças na origem dos clérigos para lá enviados. Com a chegada dos jesuítas, percebeu-se, no entanto, não só tal possibilidade, mas também uma reorientação do próprio clero reinol. Por isso a opção pelo envio de apenas Xavier para Goa, enquanto Rodrigues ficou em Lisboa.

Como é de conhecimento das pessoas que travaram algum tipo de conhecimento, mesmo que superficial, com a história da Companhia de Jesus, uma das suas atividades que mais rendeu fama foi a educacional. Os colégios jesuíticos e o *Ratio Studiorum* são exemplos dessa atividade que mais notoriedade trouxe àqueles padres, apesar de não estar no seu plano inicial, pois o que Loyola e os primeiros queriam era realizar uma espécie de nova cruzada a Jerusalém, para reconquistar a Cidade Santa para as hostes do cristianismo. No entanto, os colégios serão, em pouco tempo, os estabelecimentos que unificarão a organização interna da Companhia, ao mesmo tempo que se tornarão seus especiais “postos” de atuação.

Para se ter uma ideia do crescimento da Companhia de Jesus no mundo da época e, particularmente, em Portugal, e por consequência em todo o Império Português, vejamos alguns números: a primeira casa que os jesuítas tiveram foi em Lisboa, em 1541, e o primeiro colégio foi em Coimbra, no ano seguinte; em 1556, ano da morte de Inácio de Loyola, a

Companhia tinha, em todo o mundo, 46 colégios, sendo pelo menos duas universidades; ao final do século XVI já eram 372 colégios; em Portugal, em 1560 eram 400 jesuítas e, em 1603, eram 620; em meados do século XVIII, os colégios jesuíticos tinham, somente em Portugal, 20 mil alunos, numa população estimada em três milhões de pessoas. É inegável, portanto, que os colégios tornaram-se a marca registrada da Companhia de Jesus.

No entanto, é preciso deixar claro que na estrutura organizacional da *Societas Iesu* o colégio não era apenas uma instituição educacional ou formativa, pois ele era, também, a casa a que cada jesuíta estava vinculado. A ordem inaciana constituiu-se de forma diferente de outras ordens religiosas, pois seus integrantes não tinham mosteiros, conventos ou abadias, não tinham horas de oração e refeições em comum; uma congregação extramuros, era dessa forma que ela se organizou. O colégio funcionava como casa de moradia dos padres e irmãos jesuítas, além de centro administrativo. Por exemplo, na América Portuguesa, engenhos, escravos, fazendas eram propriedades de um determinado colégio. O Reitor, aquele que era o superior do colégio, era o responsável por tudo o que o colégio tinha, incluindo, é claro, o seu espaço educacional. O *Ratio Studiorum* previa que o responsável direto pela gestão das questões educacionais era o Prefeito de Estudos, que estava subordinado ao Reitor. Na estrutura organizacional da Companhia de Jesus se destacam, pela ordem hierárquica, o Superior-Geral, o Superior Provincial e o Reitor.

Ao nos apresentar o Seminário de Santa Fé e o Colégio de São Paulo em Goa, de 1541 a 1558, este livro insere-nos não apenas na história de duas instituições formativas e educativas, mas, e especialmente, conduz-nos em um contexto em que se cruzam educação, religião, política, economia e cultura. Estudar a história de uma instituição educativa em particular, em qualquer época da história, deveria se remeter a um contexto mais complexo em que tal instituição está inserida; se isso vale, por exemplo, para a atualidade, em que é tão comum esse tipo de pesquisa, é ainda mais necessário para o século XVI, pois naquele período é mais difícil separar dimensões da vida que, após o Iluminismo, parecem tão autônomas. Tal dificuldade é inerente à compreensão do período com “os olhos” daquela época, pois, se para nós é mais fácil “enxergarmos” as dimensões da vida humana de forma separada, como economia, política, cultura, religião e educação, elas estão muito unidas naquele período. As instituições formativas e educacionais quinhentistas, portanto, sintetizam, de certa forma, várias dimensões da sociedade.